

**COMISSÃO DA VERDADE**

**PRESIDENTE**

**DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

**15/07/2013**

**COMISSÃO DA VERDADE****BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****15/07/2013**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá. Qual é o roteiro de hoje?

Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. Quinquagésima Quinta Audiência Pública, 15 de Julho de 2013.

Instalação. Está instalada a Quinquagésima Quinta Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 15 de Julho de 2013, na Assembleia Legislativa no Auditório Dom Pedro, para a oitiva dos depoimentos sobre caso Raimundo Eduardo da Silva.

Está tendo internet ou não? Está? Então vai ser o Auditório Dom Pedro, mas para a pessoa poder procurar.

Formação da Mesa. Queria convidar para compor a Mesa o Hélio Gerônimo da Silva e a Magda Aparecida da Silva, por favor.

(Aplausos)

Hélio sente aqui e a Magda aqui. Hélio Gerônimo da Silva e Magda Aparecida da Silva. Não deu para fazer a credencial de Mesa, não é?

Vamos lá, venha cá Magda, por favor. Vai passar memorial? Vai escurecer? Veja com ele como é que fica a imagem, para ele poder transmitir. Apaga lá em cima? Tem que subir lá? A menina ajuda a gente, lá da web, ótimo. Dá contraste suficiente para você ler? Então vamos lá.

**A SRA.** - Raimundo Eduardo da Silva, assassinado em Cinco de Janeiro de 1971. Nasceu dia 23 de Março de 1948 em Formiga - MG, e militava na ação popular.

Dados biográficos. Nasceu em 23 de Março de 1948, natural de Formiga, filho de Pedro Eduardo e Maria Francisca de Jesus. Foi morto em Cinco de Janeiro de 1971, militante da AP. Era estudante, negro e trabalhava como operário metalúrgico na cidade de Mauá na Grande São Paulo. Estudou no Colégio Estadual Visconde Mauá, atuava junto ao grupo de jovens da Igreja no Jardim Zaíra, onde foi Presidente da Sociedade Amigos do Bairro. Entre 1967 e 1970, trabalhou nas empresas Fertilizantes Capuava, Laminação Nacional de Metais e IBRAPE.

Dados sobre a sua prisão. Sua morte alcançou repercussão na imprensa quando o Padre Giuliano Vicini e a assistente social Yara Spadini foram presos e torturados porque portava a matriz de impressão de um panfleto denunciando a morte sob tortura de Raimundo. O Arcebispo Metropolitano de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns os visitou na prisão e procurou o Governador Abreu Sodré a fim de obter autorização para dar assistência médica aos dois. Em Quatro de Fevereiro, após o fracasso do encontro com o Governador, redigiu um aviso distribuído em todas as paróquias denunciando as torturas sofridas pelos dois e exigindo um inquérito para apurar os fatos e aplicação de punição.

Na apelação de número 38.650 do STM, a página 308 referente à defesa de Padre Giulio e da assistente social Yara pode ser recuperada a parte dos fatos, a saber, abre aspas, Apurou que no dia 23 de Novembro de 1970 o operário Raimundo fora golpeado por um pontaco de faca em uma briga comum. Fora operado e estava internado em uma Casa de Saúde, a sentença fala em SAMCIL, sendo retirado do leito hospitalar por investigadores quando ainda necessitava de tratamento médico. Apurou mais que o rapaz morrera cerca de um mês e meio depois de haver recebido a facada no dia Cinco de Janeiro no Hospital do Exército em São Paulo onde se encontrava a disposição do CODI conforme documentos oferecidos pelo DEOPS e que se encontram as folhas 138 e 141.

Seu irmão, Hélio Gerônimo da Silva contestou essa versão. Segundo ele, Raimundo foi retirado da clínica aonde se convalescia de cirurgia, levado para o DOI-

CODI em São Paulo, a antiga OBAN e não para o Hospital do Exército localizado no bairro do Cambucí. No Hospital do Exército, quando procurava saber notícias do irmão, Hélio sobe por um oficial, o qual não quis se identificar, que Raimundo estava no DOI-CODI em São Paulo.

Hélio esclareceu que durante este período sua mãe levava roupas e alimentos para serem entregues para Raimundo já que as visitas não eram permitidas. Finalmente em Quatro de Janeiro de 1971, um dos policiais se recusou a receber os alimentos alegando que a pessoa a quem eram destinados já estava fedendo há muito tempo, entre aspas. Os familiares foram então procurar Raimundo no IML, onde foram informados que o mesmo já havia sido enterrado como indigente no Cemitério de Perus. O atestado de óbito só foi fornecido à família um mês depois.

Apenas Três anos mais tarde, os restos mortais de Raimundo puderam ser exumados e sepultados em local escolhido pela família. A necropsia foi feita no IML de São Paulo em 22 de Janeiro de 1971 pelos legistas João Gregorian e Orlando José Bastos Brandão, que não relataram as torturas sofridas por Raimundo e deram como Causa Mortis Peritonite. Os relatórios dos Ministérios da Marinha e Aeronáutica, encaminhados ao Ministro da Justiça em 1993, afirmam que ele, entre aspas, faleceu em Cinco de Janeiro de 1971, em virtude de agressão a faca por parte de outro peso, fecha aspas.

Na documentação do IML, no exame necroscópico, foi encontrada a prova que estabeleceu a morte e independência policial ou assemelhada, abre aspas, vítima de agressão à faca, arma branca, em data de 23 de Novembro de 1970, às Quinze Horas, sendo socorrido pela SAMCIL e posteriormente encaminhado ao Hospital Central do Exército aonde veio a falecer às Duas Horas e Quarenta e Cinco Minutos de Cinco de Janeiro de 1971.

Na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, o Relator do caso General Osvaldo Pereira Gomes votou pelo deferimento do caso aprovado por unanimidade em 14 de Maio de 1996. Esses dados foram extraídos do dossiê Ditadura, Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil, de 1964 a 1985 produzido pelo IEVE, Instituto de Estudos Sobre a Violência do Estado, Imprensa Oficial de São Paulo de 2009.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O Cuba vai ler um documento, *né?* Eu queria pedir para o Carlão e para o Pereirinha sentarem aqui junto aos microfones, que depois que os familiares depuserem, eu gostaria de ouvi-los também, o Carlão e o Pereirinha, por favor, companheiros, Cuba com a palavra.

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – Boa tarde a todos e todas, eu vou ler agora uma carta que foi escrita em homenagem ao Raimundo pelos companheiros dele de AP no mesmo mês da morte dele em Janeiro de 1971.

Ao companheiro Raimundo Eduardo da Silva. Dias antes de receber a notícia de sua retirada do Hospital de Santo André pela OBAN, te enviei uma poesia e depois soube que você não havia recebido. Era uma poesia de Paul Éluard que dizia o seguinte.

A noite que precedeu a sua morte foi a mais curta de sua vida, a ideia que ainda existia queimava lhe o sangue nos pulsos, o peso de seu corpo esmagava, sua força o fazia gemer e bem no fundo desse horror foi que começou a sorrir, pois não tinha só um companheiro, tinha milhões e mais milhões para vingá-lo e ele o sabia. E o dia nasceu para ele. Eu estava também de cama doente e não pude te visitar, mas sabia de você todos os dias. Soube quando a DOPS de São Bernardo que desencadeou uma repressão em massa contra os operários e suas famílias em Mauá e Santo André tentou te tirar do hospital e da tua tranquilidade mesmo diante dessa situação.

Depois, no dia 22 de Dezembro a OBAN te arrancou da cama, onde você ainda tomava soro, soube onde de tua morte. Soube ontem que seus pais souberam de tua morte quando o Hospital Militar lhes entregou teu atestado de óbito com um cínico diagnóstico, edema pulmonar agudo. Mesmo assim não consigo te imaginar morto, não consigo acompanhar mesmo na imaginação o que fizeram contigo, desde o momento em que te arrancaram da cama, indefeso e em estado grave para te prender e depois te assassinar. É extremamente doloroso imaginar a tua agonia e morte em mãos tão frias e sordidamente assassinas e o teu enterro clandestino realizado às escondidas por teus próprios torturadores e carrascos.

Você tinha 22 anos, uma bondade sem limites, um sorriso manso, uma paciência de quem sempre sabia ouvir e entender. Uma inteligência que permitia sempre avançar no rumo certo com passos às vezes lentos, porém seguros. Mesmo às vésperas de tua morte, você soube se lembrar e cuidar de avisar a tua mãe, de tranquilizá-la dizendo, - “avise mamãe que estou bem e que tudo se resolverá bem”. Você sabia que não era bem assim, a polícia cercava o teu leito e te ameaçava pressionado um moribundo para que pagasse ainda o preço do silêncio. Você ainda estava chocado com o acidente que lhe levava ao hospital e com sua sorte. Em teus poucos dias de vida, muito sofrimento e muita miséria te fizeram curtir e acumular uma grande força. Se somarem você àquela tranquilidade de teu pai operário com a energia e determinação de tua mãe, mas mesmo assim a faca da morte sempre espanta e nos faz mais velhos, maiores.

Os amigos que te viram, diziam de tua magreza impressionante, de tua tranquilidade mesmo assim.

Meu irmão Raimundo, não consigo te imaginar morto, assassinado de forma tão infame e covarde. E há uma razão profunda para isso, o que você foi, o que você fez e representa não morre nunca, é eterno. A inteligência não morre, o terror é impotente para mata-la, você sabia onde devia ir, como e com quem. O teu amor a teus familiares, aos amigos e companheiros, à classe operária, ao povo e ao Brasil, ninguém e de nenhuma forma conseguirão apagar e matar. Este amor que te fez amado de todos e odiado pelos que odeiam a classe operária, o povo brasileiro e o Brasil, esta ditadura de traição nacional. Como poderiam eles, arrancar de teu corpo magro, recém-operado e tua agonia tão dolorosa essa força imensa, invencível e eterna com apenas as armas nas mãos assassinas, a tua dedicação à causa da classe operária e de todo o povo.

A sua luta pela libertação não morreu e nem morrerá jamais, renasceu com mais força ainda em todos nós. Quem poderia apagar essa chama, se cada morte desperta milhões para uma nova vida? Se cada um que tomba como você que provoca o despertar de milhões que vem ocupar o seu lugar com os olhos voltados para o teu exemplo e o coração pulsando por segui-lo fielmente.

O teu sentido proletário de solidariedade, de amor aos companheiros e dedicação sem honrarias, de servir ao povo sem retribuições, de lutas sem vanglorias, de decisão de ir até o fim sem a angústia dos inseguros, tudo isso, meu irmão Raimundo, não pode

morrer jamais e ninguém será capaz de matar. Quem morre por isso vive eternamente. Assassinararam em você um corpo mau tratado, doente, dolorido e libertaram em nós forças que se somaram as tuas e que irão despertar milhões de jovens como você, que lutarão por tua classe, teu povo e tua pátria.

Milhões de jovens negros como você que lutarão contra a desigualdade social e a discriminação racial, milhões de operários como você que lutarão contra a dominação de classes, a repressão política e a repressão contra as classes dominadas com a certeza que construiremos um novo mundo, o das classes trabalhadoras.

Milhões de brasileiros como você que lutarão pela libertação do Brasil e o início de um novo tempo de Brasil livre, democrático, soberano e realmente para os brasileiros. Vê, meu irmão Raimundo, como você não morreu, vê porque eu não posso te imaginar morto se você nos faz mais vivos e fortes lutando pela vida contra o terror de uma ditadura assassina.

Te vejo portanto sorrindo, aquele mesmo sorriso e concordando conosco, te vejo de novo tranquilo e descansando um pouco, depois de um grande sofrimento, te vejo de novo entre nós com tua força, tua presença nos ajudando a cada passo e em todos os lugares e tarefas. Te vejo sendo levado com teu exemplo a milhões de nomes amigos, lembra-se do Edson Luiz? De tantos outros?

Te vejo de novo sorrindo e inclusive com justo orgulho por ampliar de forma tão heroica e inesperada a tua própria história pra entrar para a historia dos moradores de teu querido bairro Zaíra em Mauá, dos operários de são Paulo e do Brasil, e de teus irmãos de todas as classes oprimidas. Eu fui teu irmão branco e nós fundimos hoje com o vermelho de teu sangue derramado por um futuro de liberdade que será conquistado pela luta de milhões no Brasil e em todo o mundo.

Agora que cumpri esta tarefa, estou também tranquilo e livre para cumprir outras a começar pela denúncia do crime cometido contra a tua vida, tua classe e nosso povo. Um grande e fraternal abraço de teus milhões de amigos, companheiros e irmãos.

São Paulo, 16 de Janeiro de 1971.

(Aplausos)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pereirinha, Carlão, venham para a Mesa. Venham compor a Mesa, Carlão sente aqui, Pereira sente aqui. Arrumem uma cadeira mais confortável para o Pereirinha. Carlão senta aqui do lado do irmão e o Pereira senta para cá.

Bom, então vamos organizar a Mesa direito. Essa Mesa está composta aqui além dos dois familiares, o Carlão Gilberto, é Pereira também? Vamos lá, o Carlão Gilberto Pereira e o Pedro Pereira Nascimento, o Pereirinha, o nosso companheiro para fazer o testemunhal de hoje. Então vamos começar primeiro pelo Hélio. Hélio dá o microfone para ele. Pronto, você começa o depoimento.

Então com a palavra o Hélio Gerônimo da Silva, o irmão do nosso companheiro da audiência de hoje, então com a palavra, do Raimundo, com a palavra o Hélio.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Olha pessoal, é até difícil de falar hoje, é a primeira vez que eu estou falando perante público, já falei em escola, inclusive em Mauá onde era o berço do Raimundo. Então talvez lá era mais fácil de falar, pelo pessoal que conhecia muito o Raimundo, porque ele foi ali da redondeza, foi Presidente da Sociedade Amigos do Bairro, tinha bastante amigos, então falar dele era muito fácil, mas para falar a história dele aqui mais ou menos aqui perto de vocês eu me sinto meio acanhado, mas eu vou passar para vocês mais ou menos o que representou o Raimundo para nós.

Ele foi além de um irmão, ele foi um filho, a gente se respeitava muito, e tanto é que eu na época, eu participava, eu era um dos membros do PCB e em Mauá, estava todo mundo para lá e estava começando a crescer aquela juventude, era uma juventude bastante sadia, mas interessante também que eles tinham o lado social um pouquinho na época meio baixo, precisava melhorar um pouco.

Aí juntou-se o Raimundo Eduardo da Silva, o Olivier Negri Filho e um grupo de pessoas lá e inclusive o nosso amigo que está presente aqui, o Pereirinha, também que



esteve morando lá, ele o Betinho e começamos aquele movimento e aí eu fui e me entreguei também na AP, Ação Popular. Bom, isso foi, várias lutas, teve, tanto contra o regime como também contra o atual da época, as administrações que existiam ali. E aquilo começou a mexer muito com o pessoal, começou e o pessoal aí está forte.

O Jardim Zaíra, um lugar onde era uma fazendinha, hoje criando pessoas assim, como o Olivier, o Raimundo, já veio o Pereirinha, já vem o Gil, a Jô, a Julia e a Gilda e um monte, tudo garotada. Bom, e aquilo foi crescendo. Aí um determinado momento, uma das pessoas quis pegar a Sociedade Amigos de Bairro, mas essa pessoa, ele era um militar. Pouca gente, talvez a gente não fale muito disso aí, porque o pessoal pôs um paninho em cima e tal, mas esse militar chamava João Guarda, é a primeira vez que eu estou falando aqui esse nome, eu não sei o sobrenome dele.

Então, o que ele me pega? Ele pega todas as fotografias das pessoas que estavam lá na sociedade e levou, deve ter levado para a repressão, porque ele trabalhava aqui em São Paulo e deve ter trazido para cá e daí por diante começou a ter perseguição, daí por diante começou a prender pessoas, ir lá buscar na casa de um, na casa de outro e o primeiro que foi preso, foi o Olivier. Aí ficaram atrás do Raimundo e do Betinho e do Pereirinha também, esse menino que está aqui.

E foi aquele movimento e tal, e o que aconteceu? Nós tínhamos que darmos um jeito, nós tínhamos que pôr esse pessoal para saírem fora. E na minha casa, de vez em quando eles vinham procurar, e o seu irmão, o Raimundo, onde anda? Eu falei, o meu irmão, ele deve estar por aí, eu não sei do paradeiro dele. Sabemos que o Betinho já saiu fora, *né*, agora nós precisávamos ver esse outro pessoal aí. Aquela conversinha, sabe, de investigador, aquela coisinha assim para endossar a gente.

Bom, acabou. Aí, nessa saída do Raimundo, que veio para o município de Santo André, o que aconteceu? Ele foi morar em uma pensão. Nessa pensão em que ele estava, era um prostíbulo lá, mas não tinha outro lugar, ele tinha que ficar ali, se ele fosse (ininteligível), ou por qualquer coisa, era fácil para o pessoal segurar ele, então ele ficou ali. Aí, tinha um amigo dele que estava até morando com ele, os dois juntos que tinham saído de Mauá, que essa pessoa é o Getúlio, que estava junto. Aí começou a olhar para uma pessoa que passou junto com um casal, aí esse casal achou que esse menino tinha mexido com a esposa dele lá, ou sei lá quem era namorada, *né*? Então o que aconteceu?

Esse cara volta, puxa de uma faca e *entra para dentro*. O Raimundo estava escrevendo como sempre, ele estava ali, e o Raimundo falou, ei gente, para, para, para isso e o cara veio e falou, você é amigo dele? Então, tá, meteu a facada nele.

Bom, aí todos me procuraram, correram e falaram, olha, o Raimundo foi acidentado. Aonde ele esta? Ah, ele está no Hospital Santo André. Bom, mas tem uma coisa, tem que limpar tudo o que está lá, porque estava lá silk screen, tinha um monte de coisa de silk screen e nós fomos lá e limpamos tudo lá e fomos lá para o hospital. Chegou lá, o Raimundo tinha sofrido uma cirurgia, aí eu falei assim, e agora, como é que fazer? Vão descobrir que ele está aqui. Aí, o que aconteceu? Não deu dois dias, realmente descobriram que ele estava lá.

Aí eles foram lá buscar ele. Chegou lá para pegar o Raimundo, os médicos, os enfermeiros, porque ele era um pouco querido, apesar do pouco tempo que ele estava ali, ficou querido pelo pessoal e ele estava muito enfermo, tinha inclusive tirado uma parte do baço. Aí os investigadores no momento, depois mais tarde foi o exército inteiro buscar ele. Aí pegaram ele, e o doutor não quis deixar, falou não, ele não pode sair a não ser com a autorização. Aí, eles voltaram aqui em São Paulo, pegaram a autorização e voltaram lá. Mas nesse meio, eu estava junto com o Pedrinho aqui, aí nós falamos assim, o Pedrinho falou para mim, se caso levarem ele, ele não vai voltar. Eles vão matar ele. E eu falei, quase que com certeza. Aí, nós formamos um grupo para a retirada dele, mas como que nós iríamos retirar ele lá de dentro, já que estava com o comando lá dentro?

Nós pretendíamos tira-lo pela janela, arrumava uma funerária, fazia de conta que iria pegar uma outra pessoa qualquer ou um cadáver, mas era ele, a gente tinha que tirar ele, mas não deu tempo. Quando nós chegamos lá, não sei se vocês conhecem Santo André, a principal avenida ali que chama Dom Pedro II, já tinha ali o exército quase inteiro ali, fecharam desde o Duque de Caxias, que hoje chama Celso Daniel, Clube Celso Daniel *né*, Magda? O Parque Celso Daniel até o hospital, mais ou menos um quilômetro estava fechado, não passava ninguém, trânsito nenhum passava ali.

Aí, chegaram com camburão, camburão nada, aquele *Jeepão*, aquele *Jeepão* lá, jogaram ele lá dentro desse *Jeepão* e levaram ele. Aí a gente mais tarde foi atrás, disseram que tinham levado para o Hospital Cambuci e aí chegamos lá e ninguém sabia

de nada e perguntaram para mim, ele era militar? Não. Então ele não está aqui. Aí mandaram irmos ao DOI-CODI e chegamos lá também não estava, fomos na OBAN e também não estava. Aí ficamos a noite inteira andando para lá e para cá.

Bom, o que aconteceu? Depois de mais ou menos, foi no dia, nós achamos ele no dia Quatro de Janeiro, ele foi preso no dia 22 para o dia 23, nós achamos ele no Instituto Médico Legal, ele não, escrito lá Raimundo Eduardo da Silva, enterrado como indigente no hospital, só que falaram que não era em Perus não, era em Guaianazes. Daí nós fomos à Guaianazes, na época quem foi com a gente foi o Deputado Dr. Luiz Greenhalgh, isso, em 71, aí nós fomos lá para Guaianazes e chegamos lá, foi constatado um livro realmente que, foi o Greenhalgh *né*, que ele tinha sido enterrado ali.

Aí depois mais tarde, nós tiramos ele de lá, foi feita a exumação e vimos que ele tinha entupido aquela sonda que ele tinha, foi entupida com uma rolha, com papel e por isso que deu aquele problema nele. Mas segundo os presos que estavam lá, disseram assim, o Raimundo no dia em que chegou aqui, já mataram ele. No mesmo dia, no dia 22 para o 23 ele já foi assassinado dentro da OBAN, que eles disseram assim, que ele já oito dias depois, falaram que o corpo dele já estava fedendo, uma das pessoas que atendeu a minha mãe lá e a minha mãe veio até depois desmaiar e depois levaram ela para casa e foi assim, essa foi a história dele.

E depois disso, foi a perseguição toda que a família teve. Essa menina aqui é minha filha, ela era pequena, é a mais velha e tenho mais quatro. O que acontecia? Eles entravam na minha casa do jeito que eles queriam entrar, a qualquer hora para saber, procurar, para saber se tinha material, revistavam o terreno todo, olhava toda a área para ver se tinha e depois eu fiquei muito tempo na perseguição até que um dia vieram e falei, vocês falaram que eu sou terrorista, não sou, mas eu sei fazer bomba, eu aprendi.

E aqueles carros que ficam em volta da minha casa me perseguindo, perseguindo a minha irmã, que era a Cida, e a minha família, eu vou estourar tudo. Esses carros, eu vou estourar. Foi em um momento e passou mais ou menos uns dois dias e depois eles desapareceram, mas sempre assim por cima perseguindo a nossa família. Foi dessa forma. O que eu podia passar para vocês, além de torturas e depois, *né*, e foi desse jeito a história do Raimundo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Você chegou a ser preso?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA –** Não, eu não cheguei a ser preso. Eu trabalhava na Volkswagen na época e eu fui chamado para depor na seccional em São Bernardo do Campo. Eu cheguei lá e fiquei dois dias só depondo, falando o que eu fazia, o que eu não fazia e foi daí por diante que eles começaram a minha perseguição também, direto porque eles achavam sempre que eu tinha alguma coisa, que alguns lugares ficaram sabendo que eu era do Partido Comunista e depois eu passei para a AP e foi indo assim a história, mas foi dessa forma que a família inteira, a minha mãe veio até depois a falecer, faleceu o meu pai também e tudo assim, horrorizado com a situação que houve com a família.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Você era o mais velho, do que o.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA –** Eu sou assim, deixa eu explicar para vocês mais ou menos. A minha mãe morreu quando eu tinha Um ano e Meio. A minha mãe que eu falo é a minha irmã de criação, que é a mãe do Raimundo e como eu era criança, eu era neném, aí eu vim morar, minha mãe morreu e eu vim morar com a minha irmã que já tinha casado, a minha irmã mais velha, ela casou e eu vim morar com ela. Como dizem que eu chorava muito, chorava muito e queria mamar e tal, aí a minha madrinha, a minha tia falou, não, por que, Maria, por que você não fala, responde como se fosse a mãe dele, responde? Aí a mãe começou, a minha irmã começou a responder como se fosse a minha mãe e aí logo depois nasceu o Raimundo e nasceu o Pedrinho, nasceu a Cida e a gente sempre nos tratamos como irmãos, sempre fomos irmãos, porque sempre convivíamos juntos. Por isso às vezes falam, olha, ele era seu irmão ou era seu sobrinho? Eu digo assim, é os dois, irmão e sobrinho, porque a gente se considerava como irmãos, assim mesmo pelos trajetos, as lutas que a gente participava juntos. Era assim, desse jeito.

Então a minha mãe verdadeira não conheci, conheci a mãe do Raimundo que é a Maria Francisca de Jesus, como se fosse a minha mãe.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Mas e quando ele foi preso, ele morreu e quantos anos ele tinha?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Vinte e Dois anos, eu tinha Vinte e Quatro anos. Vinte e Dois anos ele tinha e eu com Vinte e Quatro anos e a Magda hoje, quantos anos você tem Magda? 50, *né*, não fala não, 50 anos, então ela era criança.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está bom, vamos então continuar. Eu vou deixar a Magda por último, eu queria ouvir o Carlão e o Pereirinha, porque eu fui lá para Mauá, quando teve um grupo que fez, lembrou do seu irmão e estava o Olivier e todo mundo que foi preso naquela época, viu pessoal, foi feito até um filme lá em Mauá sobre a história desse grupo aí, o grupo da AP e era bom a gente pedir lá para o Olivier, lá do pessoal do grupo de memória de Mauá, porque eles têm um documentário.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Inclusive eu sou Vice-Presidente do centro de memória dos presos políticos da região, Mauá e região.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Bom, então vamos, eu vou ouvir o Carlão, o Pereirinha e depois a gente encerra com ela, tudo bem? Pereirinha? Então vamos começar pelo Pereirinha. Dê esse microfone sem fio. Grande Pereirinha, esse é um personagem.

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO** - Olha pessoal, para mim é muito difícil falar sobre o que aconteceu com o Raimundo Eduardo da Silva. Evidente que relembrar o que aconteceu com aquele companheiro, para mim significa relembrar a morte de tantos outros companheiros que se foram em situações parecidas. Companheiros que participavam de ações populares e que foram presos e assassinados. Eu queria pedir permissão para levantar o nome de um companheiro que eu tive o privilegio dele me trazer para a Ação Popular que foi o companheiro Jorge Leal lá de Salvador, que foi também companheiro lá em Salvador que foi também assassinado, preso e torturado e assassinado.

Mas companheiros, falar de Raimundo Eduardo no meu caso é pouca coisa. O significado do Raimundo Eduardo para mim, que cheguei a São Paulo também fugindo da repressão, porque eu não tinha mais onde me esconder em Salvador, não é contar a minha história, para dizer alguns aspectos, por duas vezes eu tive minha casa tomada pela repressão, assumir, ficar lá dentro, isso em Salvador ainda, aqui em São Paulo também eu tive esse privilégio de *né*, porque na verdade eu me considero, nós, nós consideramos privilegiados por estarmos aqui contando a história do que a gente viveu no período da repressão a partir de 1964.

Aqui em São Paulo, por exemplo, eu tive novamente o que aconteceu em Salvador, eu tive novamente a repressão. Tomaram a minha casa e eu trabalhava em Diadema na época, na Resil.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quando você chegou lá, você lembra?

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO** - Aqui em São Paulo?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Em Diadema, quando você chegou?

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO** - Em São Paulo eu cheguei em 1968.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Chegou em 68?

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO** - Em 68. Fui trabalhar no ABC. Na época em que eu tive minha casa ocupada pela repressão, eu trabalhava na Resil, uma fábrica de Diadema e que felizmente a gente aprendeu dentro de AP, dentro de Ação Popular, aprendemos a nos comunicarmos bem e se relacionar muito bem com a população. E em que pese, eu morava no ABC, em Diadema, muitas pessoas já sabiam que eu era um perseguido político, que eu era um perseguido político. E aí, vou pedir para abrir, para dizer um aspecto que eu acho importante e isso faz parte da história da repressão que sofremos muitos de nós que ainda estamos vivos no período da ditadura, questão assim muito viva, muito direta.

Quando eu morava em Diadema, que trabalhava na Resil, isso foi a última vez que foi uma coisa muito dura para os companheiros que lutavam contra a repressão naquela época, é que foram me pegar, descobriram, a repressão DOI-CODI, sei lá o que, não adiantava aonde quer que a gente fosse que eles descobriam. E eu fui descoberto, que eu estava em São Paulo, em Diadema e trabalhava na Resil. Não, não descobriram que eu trabalhava na Resil, descobriram o meu endereço em Diadema e foram na minha casa.

Chegaram lá, tal, é minha companheira, dois filhos, chegou e eles queriam me pegar. Procuraram o meu nome, Pedro Pereira Nascimento, Pereirinha, tal, aí minha mulher disse, ele está trabalhando. E neste dia, eu troquei de roupa e esqueci todos os documentos no bolso da camisa e aí eu fui para a fábrica sem nenhum documento. E como eles tomaram conta da casa em Diadema, ali no Bairro do Parque Real, eu troco, porque aqui em São Paulo tem também um, é Real Parque e lá é Parque Real, eu morava no Parque Real em Diadema.

Aí eles pegaram todos os meus documentos e foi fácil, pela carteira de trabalho descobrir que eu trabalhava na Resil. Mas eles não olharam os documentos em casa,

eles pegaram os documentos e voltaram, perguntou para a minha companheira, onde é que ele está? Ela disse, ele foi trabalhar. Qual é o nome da fábrica? E ela também já com uma certa experiência, ela disse, olha meu senhor, tem pouco tempo que ele entrou nessa empresa e realmente eu não sei o nome, eu sei que ele trabalha em uma fábrica e não é longe daqui. Se vocês quiserem, podem vir de noite que ele está em casa.

Aí ela deu segurança, pode vir que ele vem para casa. O que ocorreu, é que eles foram embora e então mais tarde a gente volta. Quando eles foram embora, ela correu e foi na Resil e disse, olha, a repressão já te descobriu, estiveram lá em casa e vão voltar de noite. Bom, mas aí é uma outra história. É claro que eu não voltei para casa, é claro que eu procurei os companheiros que faziam parte da luta contra a repressão e aí foi um período também que eu tive que mais uma vez cair na clandestinidade e sair de São Paulo e, fui para o Paraná, né. agora a gente pode falar abertamente, eu fui para o Paraná e fiquei quebrando pedra lá nas pedreiras, mas feche esse parêntese.

Queria dar, agradecer, dar os parabéns e agradecer de maneira muito emocionada, essa homenagem que vocês estão prestando ao companheiro Raimundo Eduardo da Silva, porque foi um jovem tirado do nosso meio, um companheiro que tinha todas as qualidades de ser um dos mais altos, um dos melhores revolucionários que se pensava na época. Para nós, o que era ser revolucionário? O que é que significava lutar contra a repressão por um sistema justo de distribuição de renda mais justa? Era exatamente aquelas pessoas que tinha a capacidade de viver na clandestinidade e trabalhando, morando com endereço fixo, se relacionando com a população, compreendeu? E que passava pela repressão e ela não descobria, porque ninguém tem o recado na testa.

Quantas vezes muitos de nós e isso aconteceu comigo, eu sabia, eu via, disfarçava, descia do ônibus e ia embora. Os caras não me conheciam, não me conheciam. Tinha o nome, tinha fotografia, mas era diferente de quem está trabalhando, de quem está aparentemente com a vida normal.

Mas voltando ao companheiro Raimundo Eduardo, era um jovem finíssimo, educado, civilizado, falava baixo, conquistador. Era uma pessoa que você ao conversar com ele alguns minutos, você ficava encantado com a maneira como ele se expressava, a tranquilidade e a segurança.



Portanto companheiros e companheiras permitam-me assim tratar, eu fico muito emocionado, repito a dificuldade que tenho de contar a história do nosso relacionamento e da nossa militância junto ao companheiro Raimundo Eduardo. Gostaria que vocês compreendessem esse momento e aceitassem a minha história com o companheiro Raimundo Eduardo, que é a história que parte dela já foi contada pelo companheiro Hélio. Obrigado gente.

(Aplausos)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Pereirinha, espere um pouquinho, deixa o, eu queria pedir para você contextualizar melhor do geral para o particular. Lá nessa região de Mauá, Santo André e Diadema, a PEI criou uma organização enorme, uma organização operária. Pelo pouco que eu sei e sei muito pouco realmente, como é que foi a vinda do Betinho para a região, como é que se articulou essa enorme organização, como é que, porque você veio da Bahia deslocado do processo de repressão e então eu queria perguntar, quando você veio da Bahia, você veio da Bahia, da AP, pela AP e aí você já foi direto para o ABC, hoje já pode contar, então aqui como é Comissão da Verdade, essas histórias que sempre foram contadas pela metade, queria ver se você poderia fazer um esforço, você que é um companheiro que resistiu e sobreviveu todos esses anos, se você podia fazer essa costura, alinhar toda essa história, por favor.

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO -** A minha vinda de Salvador para São Paulo, ela se dá e acho necessário abrir um pouco mais, se pegar um pouco antes da minha vinda para Salvador, para São Paulo, desculpe, da minha vinda para São Paulo.

Eu como sempre fui operário, trabalhando, eu tive algumas dificuldades, por exemplo, não obstante ser militante de AP, organizado com células e participando de encontros nacionais e etc., eu não mudei meu nome para a população, todo mundo me conhecia como meu nome real, em que pese à clandestinidade para a repressão.

Em Salvador, tem um episódio interessante que foi o que me obrigou a vir para São Paulo, eu trabalhava certamente muitos de vocês conheceram, nem sei se ainda existe, a Magirus Deutz, uma fábrica montadora de caminhão, motores de caminhão, eu trabalhava na Magirus Deutz no centro industrial de Aratu. Pensava eu que ali morava em um bairro, saída do centro da cidade, Ribeira onde eu morava e fui morar em um bairro culto que é periférico de Salvador e fiquei ali, achava que ali eu estava escondido aqui, ninguém me conhece. Entrei na Magirus e eu estava trabalhando lá bem tranquilo e aí de repente eu fui chamado pelo departamento pessoal, não fui chamado, o cara do departamento pessoal, chefe do departamento pessoal que era uma pessoal que gostava muito de mim, disse, olha, você vai ter que ir até o departamento pessoal comigo, que tem algumas coisas para você. Mas ele estava tão nervoso, e aí eu disse, mas Oscar, o que está acontecendo? Por que eu tenho que ir lá? Fale rapaz, você é o chefe do departamento pessoal. Aí ele disse, você sabe que as coisas são difíceis e tal e eu não vou poder falar.

Aí eu fui até o departamento pessoal. Chegou lá tinha uma caminhonete, não estava escrito DOPS, mas era essa caminhonete C10, uma Chevrolet C10. Aí um cara chegou, ah, você lá em Salvador é Pedrinho, o pessoal me conhece mais por Pedrinho, você é o Pedrinho, oi e aí, tudo bem? Ah, tudo bem. Os caras assim com a se mostrando como se fossem amigos. Ele disse, é o seguinte, nós vamos precisar te ouvir e você vai sair comigo agora, e eu disse, mas eu estou em horário de serviço. Aí eles se apresentaram, que eram do DOPS e tal, estavam à paisana, não estavam fardados, que era do DOPS, polícia civil e tal.

Existem umas denúncias contra você e nós queremos te ouvir. Não tive o direito nem de ir, mau o cara me acompanhou para eu tirar a roupa, o macacão da oficina e vestir a minha roupa. Aí eu entrei na caminhonete fechada com eles e do centro industrial de Aratu para cidade e quando chegou, eles passaram em um bairro que se chama Irajá, acho que é Irajá, é Irajá. Aí eles não foram para o centro da cidade, entraram para a periferia, para o bairro do Irajá e chegaram em um lugar assim meio, não tinha casa, nada e pararam e disse, olha, nós temos duas coisas, você quer sumir ou você quer morrer agora? Se a gente te soltar, você tem condições e pode ser que escape por aí.

Eu estou vendo que você é um menino bom, não sei o que, os caras me elogiaram assim, você é um menino bom, é jovem e já tinha perguntado tudo, se eu era casado, digo, eu sou casado, tenho mulher, tenho filho. Meu endereço, eu dei tudo e tal. Eu morava em um bairro de Salvador, na época, alguém conhece Salvador? Capelinha de São Caetano, eu morava nesse bairro, era também escondido, *né?* Ele disse, olha, nós vamos fazer o seguinte, nós não vamos levar você, eu tinha certeza de que eles iriam me matar se me levassem. O Jorge já tinha ido, já tinha sido assassinado e outros. Ele disse, olha, suma e não deixe que a gente te encontre mais. Aí me soltaram nesse bairro do Irajá e foram embora.

Aí eu fui para casa, fui para o bairro de Colto, era Colto que eu morava e aí eu cheguei e falei para a minha mulher e contei o que tinha acontecido, também estava casado de novo e fui para um bairro de Salvador chamado Brotas, lá tinha a tia da minha mulher e passei uns oito dias lá e debaixo da cama, *né.* qualquer pessoa que chegasse, qualquer coisa eu entrava debaixo da cama porque a casa era pequenininha, era quarto, sala, cozinha e banheiro, só tinha um quarto. E essa tia dela me acolheu, da minha ex-esposa, me acolheu com muito carinho, com muito cuidado.

É daí que eu cheguei à conclusão que não dava mais para continuar em Salvador, porque eu tentei trabalhar na Moma, não deu, soube que o pessoal estava me procurando, o pessoal me avisava, olha pessoal, está aqui, então estão procurando gente, estão procurando terrorista, eles chamavam de terrorista. A gente sabe que você não é terrorista e eu saía para outra fábrica. Trabalhei na Moma, trabalhei na Brasquip, mas era assim, trabalho de três semanas, quinze dias, o chefe do departamento pessoal chegava, olha, vai embora porque a coisa vem para seu lado. A última firma que eu trabalhei em Salvador, foi na Brasquip no bairro lá em Salvador chamado Retiro e os caras foram e levaram os meus documentos, pegaram, eles pegavam, chegavam no departamento pessoal, pegavam assim, um monte de documento e levavam para análise.

Aí o chefe do departamento pessoal foi e me avisou, disse olha cara, você tem que sumir mesmo, vai para o sertão, você não nasceu no sertão? Vai para o sertão, e me aconselhou e aí que eu não tive outra saída e eu decidi vir para São Paulo, mas de maneira organizada. Aí eu conversei com os companheiros, o pessoal acompanhava, sabia que era a minha situação e naquela época, quem sabe, pelo menos vocês conheceram, uma pessoa que me dava muito apoio, orientação e segurança, era o Jair

Ferreira de Sá, um deles era o Jair Ferreira de Sá que também já se foi, era companheiro de AP.

Aí eu vim para São Paulo, vim eu, a mulher e dois filhos na época. Mas eu vim de maneira organizada, não é à toa que eu cheguei e fui morar, fui direto para o, não, primeiro eu fui para Ermelino Matarazzo, para a casa de um parente meu, mas eu também não podia ficar lá porque eles não eram políticos, como a gente chamava, eles não eram políticos, eram pessoas inteiramente fora, inclusive, ele e a mulher eram evangélicos, aí, podem ficar aqui. Aí eu vim direto para a casa de meu primo em Ermelino Matarazzo, depois é que eu fui para o Jardim Zaíra. Aí no Jardim Zaíra eu fui morar na casa de um companheiro, vizinho do Hélio que era.

**O SR. – O Olivier.**

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO -** Não, não era o Olivier, era o Gilvan, era um que tinha.

**O SR. –** Era o Gilvan.

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO -** Era o Gilvan? O Gilvan. Então, eu fiquei um tempo lá e aí eu passei a ter a vida normal aqui em São Paulo, eu passeia a ter a vida como se eu não fosse clandestino. Então eu me apresentei nas fábricas para trabalhar, com o documento legal e tudo direitinho, e então como é que eu vim? Eu vim, respondendo a sua pergunta, eu vim de maneira organizada com o apoio de Ação Popular e enquanto eu não me empregava, eu tinha todo o apoio, logística, o pessoal me dava apoio para me manter e manter a minha família. Além do apoio direto que eu tinha dos companheiros de AP aqui em São Paulo e o destaque se dá ao companheiro Gilvan, para o companheiro Hélio e companhia, Seu Pedro e a sua mãe que era uma pessoa maravilhosa que sabia da nossa história, tinha o Olivier, o pai do Olivier. O

Olivierzinho e o pai dele que dava todo o apoio para a gente e eles sabiam, era a população que sabe quem é você, mas não diz para ninguém quem é você.

Nós vivemos essa experiência, eu vivi essa experiência e escapei lá de Salvador dessa maneira que eu contei a vocês, porque na época, antes disso, não me lembro, desculpem a minha memória, Seu Jorge Leal já tinha sido assassinado. Nós tivemos Seu Jorge Leal assassinado.

**A SRA.** – Em 71. Jorge Leal foi assassinado em 71.

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO** - Então ele ainda, mas já estava preso.

(inaudível)

**O SR. PEDRO PEREIRA NASCIMENTO** - Ele ficou desaparecido, pois é, e foi um dos companheiros e outros companheiros que está aí, vivo que na época também me ajudou muito na minha formação política principalmente nos cursos de Maxíssimo, Leninismo e etc., luta de classes, luta de massas. O Haroldo Lima, que foi Ministro recentemente até pouco tempo *né*, Haroldo Lima e era o pessoal lá em Salvador e outras pessoas, muitos outros com quem eu tinha ligação direta e apoio direto que me deu orientação, e a orientação era o seguinte, operário não pode ser preso, se for preso, mata.

Aí, veja bem, se isso não é justo, se era apenas insegurança, mas na verdade nós tínhamos essa orientação. Nós os operários que pertencíamos à AP, a gente era orientado para fazer tudo para não ser preso, porque com os operários não tinha conversa, operários e camponeses não tinha conversa, se fosse preso havia o problema e morria mesmo. Então, o gancho meu querido, vereador, foi exatamente assim que eu vim. Eu vim de maneira organizada e estou aqui contando a história.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Carlão quer falar? Vamos lá. Esse aqui não é o Pereirinha, é o Pereirão.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Bom, meu nome é Carlos Gilberto Pereira, não é Carlão Pereira como ele está falando, mas.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** O seu nome é Carlos Gilberto Pereira.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Exatamente. E aí eu sou o metalúrgico também de profissão com curso formado no SENAI, Mil Novecentos e Sessenta e pouco e sou de Goiás.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** De que cidade?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Cidade de Anápolis, Estado de Goiás, terra do Antônio Arantes, de todo esse pessoal e sempre trabalhei ali como operário e o trabalho, eu militava no PCB, na juventude comunista antes de 64. Posteriormente em 65, eu entrei para a Ação Popular, logo na reorganização e fui participar do CSB, que era a Coordenação Sindical Brasileira, que era a reorganização. E fizemos um congresso que era em Belo Horizonte, voltei para Goiás e na discussão com a coordenação eu tinha uma experiência na área de cooperativismo e aí fui trabalhar no campo, fui deslocado para ir para o Maranhão ajudar na organização do movimento camponês lá.

Era aquele discurso que a força principal era os camponeses na força diligente ao proletariado e aí de repente, eu que não tinha nenhuma experiência, de repente vira força diligente, mas era o discurso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Isso, que ano era, Carlão?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Mil Novecentos e Sessenta e Seis.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – E que era o seu contato lá no Maranhão?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Manoel da Conceição. E aí fui organizar o trabalho, passei um tempo lá discutindo com os companheiros, já tinha o início da cooperativa, uma cooperativa relativamente grande com quase 10.000 pessoas, na cooperativa e dentro de um processo de organização para o sindicato. Aí eu passei um tempo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quantos anos você tinha de idade, você lembra?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Eu tinha 19 anos. Em 1967, eu saí do Maranhão, voltei para Goiânia e fui deslocado para o sudoeste de Goiás também com o objetivo de organizar o trabalho naquela região do sudoeste de Goiás, que era uma monstruosidade, umas 30 cidades, 40 cidades e ali eu era um profissional organizando o pessoal no campo.

Em 1968 a organização achou que eu tinha que vir para São Paulo, precisava de um quadro operário para entrar para produção na região de Osasco, aí eu vim, eu era metalúrgico e então voltei, fiz uns testes na Cobrasma, na Braseixos e estava em Osasco e fui preso em Osasco, logo depois de uns 15 dias no Estado de São Paulo. E aí, naquela época, coincidentemente o Lamarca tinha saído do quartel de Quitauna. Então imagina,

o pessoal do exército, da polícia estavam babando atrás de qualquer livro para eles recuperarem qualquer garrucha, não é nem os fuzis.

E ali, chegou, me vê o tamanho, eu pesava 85 quilos, era um atleta e praticava artes marciais, então viram esse cara, era o próprio, é onde está as armas.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quem era o seu contato lá, era o Zé Pedro?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Não, o Zé Pedro vem depois, mas então, o Novaes, existia a cooperativa dos trabalhadores na indústria de Osasco que era o Norvino e eu fui, o meu contato lá por conta da experiência do cooperativismo, Mourão que também era dirigente da cooperativa e assim fomos lá para participar do processo de organização ali. Fui preso e naquela época, a prisão e a tortura eram aqui ao lado no chamado PE, ou seja, não existia essa história de chegar o DOPS e tal.

Preso, eu sai e fui preso em Osasco, fui para Quitauna, então já levei um pau em Quitauna, fui para o QG da Força Pública de Osasco e em Osasco outro pau, aí vim para o QG da Força Pública, que na época não era PM, aqui na Avenida Tiradentes, outro pau, aí vim para a PE, e falou, agora você vai ver o que é bom para tosse. Aí realmente foi aquilo que todo mundo já sabe. Sendo torturado ali, não tinha brincadeira, porque os negos, era pau cedo, à tarde e à noite e saí dali e depois de 17 dias, eu neguei, eu estava acabando de chegar de Goiás e ninguém me conhecia, então só cheguei de Goiás e não sei de nada.

E ali fiquei 17 dias sendo torturado aqui e fui mandado para ao lado aqui da coisa, tinha um quartel chamado Quarto Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, R C MEC, e lá era um hospital para recuperar o pessoal que saia, depois de 40 dias junto com os companheiros de Osasco que estavam presos lá e depois é que eu fui para o Tiradentes. Saí, passei nessa prisão, fiquei Oito meses e quando saí da prisão fui até Goiás, porque eu tinha uma passagem até lá e voltei em seguida para voltar para a produção aqui dentro da organização e foi aonde eu encontrei o Raimundo. Porque cheguei ferramenteiro e falei, vou entrar, vamos lá para o ABC.



E fui trabalhar, para trabalhar lá, mas infelizmente surgiu uma oportunidade de trabalhar na Philco do Brasil aqui no Tatuapé e eu deixei, então eu tive um contato rápido lá com ele, com o pessoal do Olivier que estavam ali no processo de 1970. Então o meu conhecimento com o do ABC foi muito pouco e nós sabíamos que tinha uma base de trabalho relativamente grande com dezenas ou centenas de pessoas ali organizadas naquela região, mas infelizmente eu não pude trabalhar naquela região porque surgiu essa oportunidade de trabalhar na Philco do Brasil.

Então o meu contato com Raimundo foi muito pequeno, por isso que eu pedi para falar o Pereirinha e fui em função desse trabalho organizado do movimento operário sindical. Então, logo em seguida soube da prisão dele, porque eu fui preso em 70, no fim de 69 é que eu fui lá ter contato com o pessoal do ABC. Em 1970, em Maio 70, eu logo em seguida da prisão do Olavo Hansen, fui preso novamente. Aí já junto com o pessoal da rede que é o Bacurí, porque eu era o contato de Ação Popular com o pessoal militarista como eles chamavam e era exatamente o momento que eles viviam uma situação extremamente crítica porque todos sabem que naquele período de 70, eles estavam assim, caindo que nem paraquedas, não tinha local para ficar e aí eles pediram contato e foi eu o contato de AP com esse pessoal.

Fui preso mais ou menos na época que o Olavo Hansen, tinha estado no estádio lá onde ele foi preso, mas eu não fui preso ali, fui preso oito dias depois. Então, hoje em meu depoimento aqui, ele tem a ver com a questão do companheiro Raimundo, mas o importante é de estar sabendo o seguinte, havia uma luta naquele momento. O movimento operário estava em um processo de reorganização, havia um trabalho e isso é questão também de registrar não só na região de Mauá, na região de Osasco e todas as regiões, Sorocaba, Campinas, São José dos Campos, havia um embrião, um trabalho, Piracicaba, todo um processo, onde havia um processo de reorganização do movimento operário sindical.

Eu quando cheguei aqui em 1970, saí da prisão em 69 para 70, eu fui ajudar na organização da oposição sindical junto com o Waldemar Rossi, o Vito Giannotti e outros companheiros, mas como minha vida era sair da prisão e continuar no trabalho clandestino, então tive uma participação não na linha de frente, eu era um sindicalizado tanto é que quando em 70 fui preso, estava com a carteirinha do sindicato e o sindicato me negou o apoio.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Por que?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** O sindicato dos metalúrgicos, estava na campanha salarial e enquanto estavam na campanha salarial o pessoal colocou dentro da pauta a questão de dar um apoio à minha família no ponto de vista de advogado e eu estava no presídio Tiradentes e eu tinha passado pela Operação Bandeirantes, eu passei 30 dias na Operação Bandeirantes e depois fui lá para o DOPS. Passei também lá três meses porque que cuidava dos presos de ação popular era o pessoal do CENIMAR. Então vinha o pessoal do CENIMAR, que era o pessoal de ação popular do PCdoB, aí eles vinha aqui, me torturavam e olhavam o meu tamanho e, esse cara não dá para ir de carro, tem que ir de avião ou sei lá o que. Aí, voltava e aí mandaram para o Fleury. Então, foi aquela recepção maravilhosa e passei três meses lá no DOPS quase que semanalmente eles me torturavam lá, não foi como aqui na Operação Bandeirantes, porque naquela época não era o DOI-CODI, foi a paz inicial, aí lá no DOPS era o Fleury, aí pelo menos era uma vez por semana me chamavam para ter uma conversa no pau-de-arara e na cadeira do dragão.

Então, essa aí é a história da construção do movimento operário daquela época, a história do Raimundo que participava desse processo todo, então foi isso aí. Eu fui preso naquela e fui absolvido por unanimidade porque o mesmo depoimento meu lá na Operação Bandeirantes, o mesmo depoimento meu no DOPS e lá na auditoria eram exatamente iguais. Então o advogado levou e informou, está aqui os depoimentos e são todos iguais, não existe dúvida e aí eu fui absolvido, entenderam por falta de prova, por falta de motivo para eles me manterem. Saí, estava saindo, o Juiz auditor, o Nelson, ele fez questão de me chamar na frente de todo mundo para informar o seguinte, que quando eu fui preso, tinha uma carta que chama Refrescando a Memória de um Moralista de Hoje, que era o seguinte, que todos os processos do Médici por peculato e que estavam no Diário Oficial.

Então tinha uma carta em todas aquelas, colados todos os processos que havia contra o Médici por peculato. Então a carta Refrescando a Memória de um Moralista de Hoje que se dizia o homem mais honesto do mundo, *né?* E aí, quando eu fui preso, o

Juiz disse, olha você chegar com outra carta do Marighella ou do Lamarca você pode morrer. E aí eu saí e fui solto e absolvido por unanimidade. Não fui lá, não aceitei e é bom que se diga o seguinte, não sei se já foi dito aqui, muitos advogados tinham hábitos de chegar lá e desqualificar os presos políticos na auditoria. Chamar os negos de incompetentes, olha, como um coitado como esse pode ter algum tipo de ameaça? Como essa pessoa, olha aí, pode botar e ameaçar a segurança nacional? Um cara que não tem valor nenhum, não sabe nada da vida?

E isto se fazia por quem? Pelo escritório do Vergílio, pelo escritório dessa menina da Comissão da Verdade, que ela fazia parte do mesmo escritório e lá na auditoria. Então o seguinte, não quero dizer hoje ela não tem valor, acho uma pessoa de valor, mas só que naquele momento me recusei. Eles foram lá oferecer o trabalho deles e eu recusei. Não, não quero vocês como meus advogados, e peguei um advogado e chamei ele para informar o seguinte, olha, a sua função é me defender juridicamente porque lá na prisão eu tive assim, vários companheiros, o Diógenes Arruda Câmara e tive muitos outros companheiros ali, no qual o seguinte, a gente discutiu muito essa parte, a função do advogado é defender o preso no ponto de vista jurídico, a defesa política do próprio preso e aí a experiência do De Mitler, Jorge Mitler é muito importante.

E aí foi dessa forma que eu me relacionei com os advogados, chamei ele e fale, se você chegar lá e fizer qualquer menção para tentar me desqualificar, para me defender, vou te desautorizar e te destituo no ato. Então, ele fez uma defesa extremamente jurídica e eu fui o único do processo da rede do pessoal do Bacuri que foi absolvido por unanimidade. Então, essa é a história.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado Carlão.**

(Aplausos)

Eu queria aproveitar a deixa do Carlão e dizer o seguinte, dia Cinco de Agosto, às Duas Horas da tarde, vai ter uma reocupação do prédio da auditoria, viu Pereirinha, então vai ter um ato simbólico da retomada do prédio da auditoria lá na Brigadeiro, viu Carlão e vocês, familiares aqui do nosso companheiro Raimundo. Então estou convidando a todo mundo, vai ser um ato simbólico com aquela casa onde funcionava a auditoria, vai ser o memorial da resistência dos advogados e das pessoas que por lá passaram e foram julgadas. Então dia Cinco de Agosto às Duas Horas da tarde. E no dia Oito de Agosto, lá na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, vai ter o julgamento da lei da anistia no salão nobre.

Bom, vamos voltar então, eu sei que para você, Carlão e para você, Pereirinha, hoje é um dia também muito especial, mas eu queria ver, agora vamos ouvir a filha do Hélio Gerônimo, a Magda, mas eu queria que depois a gente desse uma convergida para tanto do ponto de vista familiar, que são os dois familiares que estão aqui, com vocês dois que foram companheiros da época, convergir para o caso do Raimundo porque esse texto aqui que o Cuba leu, quem escreveu este texto?

**A SRA.** – Foram os companheiros da AP.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Os companheiros da AP, mas não tem ninguém que assina, não é? Não tem assinatura, não é? Então, o texto que o Cuba leu, a Respeito do Raimundo, está na página 11, que tem o Ernestino, o Paulo Wright, Humberto de Albuquerque Câmara, este texto que está aqui o Raimundo. Está aqui o pessoal do EDUCAFRO, viu Costa, foi importante você trazer o pessoal do EDUCAFRO hoje, tem um texto, vocês chegaram agora, eu sei que vocês vão acompanhar todas as audiências dos companheiros negros assassinados, depois eu queria passar uma cópia para vocês desse livrinho aqui que foi lido um texto em homenagem ao Raimundo aqui.

Queria passar para vocês terem naquele trabalho que vocês estão fazendo dos negros que eles tinham na ditadura. Então vamos lá. Magda, vamos falar um pouquinho? Dá o microfone sem fio para a Magda.

**A SRA. MAGDA APARECIDA DA SILVA** – Bom eu tenho assim, acompanhado desde pequena os tios, eram tudo tio que não queriam dar os nomes, pouco assim, do sofrimento da minha família, me lembro dele muito pouco, muito por foto desde pequena, conheci o tio Raimundo e desde então venho participando de tudo isso que é feito para ele, o reconhecimento, isso é muito bom, apesar do sofrimento muito grande que teve os meus pais, os meus avós, primos, tios e poucos hoje se encontram até vivos.

Então é isso, eu vejo desde pequena esses depoimentos de todos os companheiros, o Pereirinha era um que ia em casa que eu me lembro, e eu perguntava, o seu nome? É tio. Onde você mora? Não posso falar. Mas onde você mora? Não posso falar. Isso foi um tempão e com a mesma cara, eu conheci ele e ele não me conheceu, eu conheci e continua do mesmo jeito. Os meus tios, não sabia onde moravam, de vez em quando você pensava, não, não vai aparecer mais, sumiu e aparecia.

Até um dia quando eu estava maiorzinha, que ele falou que eu podia chamar ele de Pereirinha, mas era tio, se lembra? E a gente cobrava, mas e o seu nome? Então são assim, histórias, sofrimento, depoimento que eu venho acompanhando desde essa época dos Nove anos, Oito anos, esse sofrimento dos companheiros e não só do meu tio como do pessoal de Mauá. Porque eu acompanho com o meu pai, então eu sou assessora dele, eu nunca falo, eu sou assessora, só assino embaixo.

Mas é isso, não tenho muito o que falar. O que eu vejo falar é isso, de depoimento muito triste por coisas que hoje acontecem e ninguém faz nada. Só isso.

(Aplausos)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eu queria voltar a palavra para você Hélio, porque o processo de Mauá foi muito grande, muita gente foi presa, muita gente foi torturada, eu fui naquela, o Martineli ajudou no processo como advogado na reparação.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – O Martineli, o Doutor Paulo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Então, queria que você desse, voltar.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – O que eu queria dizer para você, é que eu devo muito ao Dr. Luiz Eduardo Greenhalgh, que na época a gente não sabia o que fazer, nós estávamos perdidos numa situação daquela e foi quando falaram para mim, olha, procura o Dr. Eduardo, aliás, eu nem procurei ele, ele me procurou e acompanhou todo movimento e o necrotério, foi no necrotério de lá nós fomos até o Cemitério de Guaianazes, lá ele fez, olhou bastante coisa lá e achamos até que não foi só o Raimundo naquele dia. Tinha um depoimento de coveiro que ele falou, no dia em que o Raimundo foi enterrado aqui, trouxeram ele naquele caixão só escrito Raimundo Eduardo da Silva e mais outras pessoas, outros companheiros que estava, lá também, só que a gente não sabe quem foi na época.

Foi muita gente, praticamente, aquele caminhão baú, mais ou menos foi uns 10 a 15 caixões como indigente naquela época, agora não sei explicar se todos eram presos políticos que foram assassinados ou não, mas naquele dia que chegou o caminhão lá, chegou o Raimundo também. Foi no dia, ele ficou no IML do dia Três até o dia Quatro de Janeiro. Dia Três de 1970 até o dia Quatro de Janeiro de 71, foi mais ou menos isso aí, mais ou menos não, foi isso. Isso que nós fomos informados.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Do grupo dele, você lembra quantas pessoas foram presas?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Do grupo dele, olha, eu posso até falar até os nomes das pessoas, lembro, primeiro foi o Olivier, o Josemar Alves Lobo,

Gilda, José Carlos, é falecido também, a Jô, a Julia, o Seu Olivier, as duas filhas dele, o Seu Olivier pai, as duas filhas, o Gil Gonçalves que hoje era para estar aqui, mas houve um desencontro e não pode chegar, a Jô também e vários outros companheiros que foram presos. Lá mais ou menos, de mais ou menos, de umas 30 para cima foi preso lá. Porque foi assim, pegava um, aí um vinha buscar o outro e outro vinha buscar, porque ninguém aguentava, a parte operária era complicada.

Eu até entendo que os caras chegavam lá e já ia para o pau de arara e chegava ali e eles perguntavam, onde é que está fulano? Ah, fulano eu não sei. Ah, você sabe sim, e como era tudo família, morava tudo no mesmo bairro ou em outro bairro mais vizinho, mas normalmente às vezes falava sim, a gente não condena, eu não condeno nenhum daqueles que até que falaram onde o Raimundo estava, onde estava o Gil, aonde estava esse, onde estava aquele, eu não condeno porque era, a tortura era muito, era de mais.

Não cheguei a ser torturado, mas sei pelos companheiros que estavam presos lá, como era a tortura. Tem algumas companheiras que já morreram de tanta tortura, eram solteiras, depois que casaram, não puderam ter filhos. A gente tem esse depoimento também de algumas moças da época, né, que não puderam ter filhos e algumas até já faleceram.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Você, lá no centro de memória, você tem esses depoimentos? Ou eles estão com o Martineli? Onde estão esses depoimentos?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA –** Alguns estão com Martineli e alguns devem estar com o Olivier que é o presidente.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** O Olivier, não é?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA –** Alguns estão com ele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – É verdade. O Olivier é professor até hoje, não é?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Professor e diretor de escola.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Diretor de escola?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – É isso e ele não está presente.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – E ele foi convidado para essa Sessão?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Ele foi convidado, mas ele não está presente porque a esposa dele está com, que inclusive está internada aqui no Hospital do Servidor Público há 35 dias e está muito mal. Ontem nós estivemos conversando e ele está diretamente aqui, além dos compromissos de escola, ele está aqui, mas ele pediu, ele, a Jô, o Gil, que se tivesse uma outra reunião aqui na Assembleia, ele estaria presente. E meu irmão também, o Pedrinho, que também está faltando hoje aqui.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está bom. Quem gostaria de, Cuba, quer falar? Cuba com a palavra.

**O SR. RICARDO KOBAYASHI** – Meu nome é Ricardo Kobayashi, eu sou assessor técnico aqui da Comissão da Verdade, eu queria perguntar, uma dificuldade que a gente tem aqui, Carlos, é de identificar os agentes de repressão que participaram



diretamente dos atos de torturas e outras pessoas também da cadeia de comando. Gostaria, se você pode, se você puder e tiver a disposição para falar e se você consegue identificar nomes de pessoas que participaram dessas prisões na Força Pública na OBAN e depois no DOPS, direta ou indiretamente, se tinha algum aspecto que chamasse a atenção, alguém falando alguma outra língua ou se davam treinamento ali dentro, tudo isso. Isso é importante e é uma dificuldade que a gente tem na hora de montar os relatórios e identificar essas pessoas.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Carlão com a palavra.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Eu fui preso três vezes, passei três anos e pouco de prisão. A primeira vez em que fui preso, a repressão ainda não estava organizada da forma em que a gente viu posteriormente e a tortura era uma violência gratuita absurda, tanto é que quando eu fui preso pela segunda vez, fui lá para a Operação Bandeirante. Todo mundo estava reclamando e eu achava que estava no paraíso porque aqui na PE enlouquecia a pessoa. Está aí o (ininteligível) Antônio Alberto, nunca (ininteligível) no Hospital das Clínicas, foi torturado também, louco.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Espere aí, fale devagar aí, explica melhor, não deu para ouvir direito.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Em 1969, a repressão estava começando a se organizar, loco após o AI-5. E aqui, o início dela aonde ela concentrava o trabalho da repressão, era aqui na PE e eles eram um pessoal completamente enlouquecido. Nós tínhamos aqui um Sargento Braga que era um sádico, tinha um Cabo, um Passarinho, não sei, deve ter o nome dele em algum lugar, também completamente enlouquecido e tinha o Capitão Maurício que posteriormente encontrei com ele lá na Operação Bandeirante que também era um cara completamente desequilibrado.

Tinha o pessoal que estava chegando ali na repressão, que estava sendo puxado para cá, que era o pessoal do Fleury. Então tinha gente da polícia civil chegando e o pessoal da polícia militar. Então esse pessoal já era acostumado a torturar, era diferente do pessoal da PE que torturavam e que quebravam o nego, queriam, o negócio era no pau mesmo. Então, tanto é que após 17 dias de tortura eu fiquei 40 dias na enfermaria, quando eu cheguei no presídio da Tiradentes, o pessoal achou que eu tinha passado pela tortura naquele dia, tal foi a violência da tortura.

Os nomes aqui dessa primeira leva, era basicamente isso. Posteriormente fui até o DOPS no final que eu saí do Tiradentes e ali tinha lá o Singilo, o Fleury ainda não existia. O Fleury foi recrutado para a repressão posteriormente porque ele fazia parte do esquadrão da morte e o pessoal do esquadrão da morte veio para a tortura porque os militares negociaram a impunidade para esses caras do esquadrão da morte, já que o Hélio Bicudo tinha denunciado eles em 1968 para 1969, inclusive com depoimento do Padre Geraldo lá da avenida Guarulhos ali, que documentou fotograficamente a prisão do (ininteligível), onde o Fleury e o pessoal dele prendeu eles. Então, veja o seguinte, esse pessoal sanguinário veio depois.

Bom, quando eu fui preso pela segunda vez, aí eu já cheguei lá na Operação Bandeirante, já fui recepcionado pelo Capitão Maurício. Aí já estava ele, estava o Gaeta, estava o Albernáz e outros torturadores que eu me lembro aqui o nome. Então todos esses elementos torturadores, quando me viu lá, olha Goiano, agora você não vai me dizer aqui que você é inocente, que você não sabe de nada, e eu falei, pois é e infelizmente sou sindicalista e não sei de nada. Não sei por quê? E assim friamente, sabe, o meu depoimento é uma página e ficou nisso.

Depois de quatro meses de tortura me mandaram lá para o presídio de Tiradentes e aí o seguinte, a grande coisa é o seguinte, em 1970 quando eu fui preso, esse pessoal já não era aqueles elementos enlouquecidos da ditadura, já tinha um pessoalzinho que vinha lá, um dava um pau o outro chegava para passar a mão na cabeça, não, você está vendo esse cara violento, mas eu não sou assim, aquela conversa toda de tentar confortar e amaciar as pessoas. E aí, muita gente caiu, está lá o Celso Lungarete que estava preso lá, tinha muitos outros elementos ali na minha cela, tinha o Darcí que estava torturado, sendo torturado lá também, então era uma situação diferente porque eles já tinham muita informação coletada, então mais ou menos quando eles pegavam

alguém, eles juntavam aquelas informações e a tortura já era diferente, era mais pontual para saber.

No meu caso, o elemento que me levou para a polícia, lá para o ponto de encontrar com eles, que era o Fernando (ininteligível), ele era o braço direito do Bacurí, então ele já disse, não, esse cara é da Ação Popular, não é da rede, nunca teve uma ação armada aqui. Então de certa forma a questão já passou a ser, não, você é de ação popular, então é do CENIMAR, não é com nós. Então foi esta a coisa e já na terceira vez não, aí já fui recepcionado pelo Ustra e por toda aquela equipe que tinha ali e o Bernázio continuava lá, o Maurício em 1974, quando fui preso novamente, então era o tratamento de choque, mas não era igual.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Hélio, deixa eu te fazer uma pergunta, é uma história muito interessante que a partir de uma liderança local que seu irmão exercia e em uma disputa assim bem local, aquele sujeito era o José Guarda, não é? É esse nome, João Guarda ou José Guarda, João Guarda, a partir de uma disputa territorial local, foi feita uma ligação depois o exército tomou lá, Santo André quando ele estava hospitalizado. O João Guarda ainda era Força Pública ou já era PM?

Depois, deixa eu fazer as perguntas. A partir dessa denúncia local, o Raimundo vai morar e vocês moravam em Mauá, ele foi morar na clandestinidade, sempre clandestinidade em uma pensão em Santo André e aí por causa de uma ocorrência local, ele acabou sendo esfaqueado e foi internado no hospital da região e aí vocês limpavam o quarto dele, tiraram toda a documentação e aí, como é que descobriram, porque o Raimundo deu entrada no hospital, aí a polícia descobriu o Raimundo que estava hospitalizado, era o Raimundo que estava sendo procurado, denunciado então pelo João Guarda.

E aí, mas como teve muita queda lá de toda a AP, que estava todo mundo procurando aquela célula da AP, e aí, conte mais devagar esses últimos dias, esses últimos momentos de ele estar preso no hospital, quem foi o grupo que, pelo que eu entendi, o Pereirinha também estava tentando fazer o resgate lá. Como é que foi o grupo que vocês organizaram para tentar resgatar ele do hospital, aí já chegou o exército, dentro dessa visão que o Cuba pediu para a gente falar, faz a lembrança, quer dizer,

nasce de um conflito local do João Guarda, ele vai para a clandestinidade, se você lembra o tempo que demorou, ele sair de casa no convívio de seus pais, porque ele tinha uma vida muito normal, muito legal assim do convívio familiar, do convívio da fábrica, de repente, lógico ele deve ter recebido uma orientação da organização para passar para uma semiclandestinidade e mudar para uma pensão, então faça essa trajetória com um pouco mais de calma do que você lembra evidentemente, teça para a gente poder entender melhor esses últimos dias, essas últimas passagem. Depois você fala do Raimundo, que eu acho importante, fala como esse negócio se desencadeou para cair todo aquele povo lá de Mauá, foi uma prisão em massa. O Pitóli quer falar? Então deixa o Pitóli fazer a pergunta antes. Capitão Pitóli, grande companheiro de Bauru. O Pitólio vai falar um pouquinho.

**O SR. PITÓLI** – Duas correções se me permitem, eu era Sargento da PE da Segunda Companhia aqui de São Paulo, aqui na Avenida Soares e fiquei preso no Segundo Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado na Nobrega, atrás, e não Quarto como eu acho que o Carlão quem falou, porque há esses erros, por uma questão até geriátrica.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Só fala as datas para a gente.

**O SR. PITÓLI** – Começo de 1969 nós ficamos presos no Segundo Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado. Com relação à Força Pública, em 1967 o comandante era o Major João Luiz Barcelos Lessa de Azevedo que foi o último chefe da guarda civil do Estado de São Paulo, que tinha a Força Pública e a Guarda Civil. O Lessa foi o último chefe, ele e mais o comando aqui em São Paulo, ele foi designado para isso, eles prepararam a fusão da Força Pública com a Guarda Civil surgindo a Polícia Militar do Estado de São Paulo e a Polícia Civil Judiciária em 1968. Essas informações técnicas.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Então, já que você está com a palavra, antes do irmão do Raimundo voltar, porque o Carlão, ele descreveu com muita propriedade o que era um ambiente de quartel, de tortura de quartel, que era um pau generalizado com a tortura de retirada de informações, que era uma coisa que não dá para ficar qualificando o que é uma e o que é outra.

Você que era, imagina, você era militar e foi preso como militar com todos aqueles agravantes que o agrupamento que o CP.

**O SR. PITÓLI** – Era VPR.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você era PE, não é?

**O SR. PITÓLI** – Eu era PE e da VPR.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – E era da VPR. Desculpa.

**O SR. PITÓLI** – A tortura, o pau no começo de fato, até surgir efetivamente um trabalho que vem surgir a OBAN, nos quartéis em geral, pancada não tinha muito significado porque não visava muita coisa, eles não tinham também muitas informações.

Quando eu fui torturado, na noite em que eu fui torturado já final de Fevereiro, eu estava preso há um mês e eles não conseguiam me pegar, achar coisa. Aí quando caiu o Onofre Pinto que falou de mim, mas abriram mais coisas, aí eu fui para a escolinha. Escolinha era um predinho com andar superior, em baixo alguma coisa e em cima uma sala grande, dava instrução, técnica para soldado ou orientações e tal. E lá era a sala da tortura. Nessa época que eu fui, a tortura já não era mais de qualquer forma, estavam presentes lá o Fleury, fininho mais um pessoal dele do DOPS ensinando o pessoal da PE

que dormia no mesmo alojamento que eu e que comia na mesma mesa que eu, me torturando e ele falou, não é assim que faz. É assado, bate tal e não sei o que.

Aí o pau é diferente e mais diferente do que antes, por quê? Porque antes eles não tinham muitos objetivos para questionar, aí a partir daí surgiu a OBAN e melhora muito o sistema de tortura, um negócio maravilhoso o sistema de tortura com a criação do DOI-CODI, o Ustra que faz o que? Eu não quero saber a cor da tua cueca, eu quero saber o que você fez nesse dia, nessa hora com fulano, e pau e só vai perguntar aquilo. Não pergunta, mas fala de você, não tem mais isso. Não tem, o negócio é técnico mesmo e é para matar. Então é isso, mas eu só queria retificar, o esquadrão que era o Segundo e não o Quarto e a Polícia Militar, só esses fatos.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Está bom, o Carlão. O microfone, Carlão.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Olha, desde essa época, Pitóli, mudou, porque o cara era magrinho, simpático, *né?* E agora esse cara barrigudo, careca, feio, está entendendo? Mas é meu amigo, não tem problema não, 40 anos que a gente não se vê e foi exatamente isso aí, ele estava lá no R C MEC e eu cheguei todo estourado e fiquei e foi muito interessante, na minha lembrança é que um ano e pouco depois eu estava saindo do DOPS e estava indo, em Agosto de 1970, indo para o presídio de Tiradentes e você estava lá em cima me chamando, foi a última vez que eu me lembro assim, da sua figura, está entendendo? Porque eu estava chegando do DOPS, lá para o Presidio Tiradentes, então eu quero depois dar um abraço nesse meu amigo aí, infortúnio.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Obrigado Pitóli, essa semana tem Eremias Delizoicov, quando o Eremias.

**A SRA. –** (inaudível)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Desmarcou o Eremias?  
Está bom. Então vamos voltar ao caso do.

**O SR. –** (inaudível )

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Pitólio. Vamos lá, deixa eu me reorganizar aqui, senão. Hélio, queria te pedir o seguinte, como você vê tem assim, essas duas visões não é? O Carlão que é um cara que era Goiano, foi para o Maranhão, foi para Goiás, veio para Osasco, foi parar no ABC, era o cara da política assim, da organização. O Pereirinha veio, profissional, profissional da organização. O Pereirinha embora um quadro operário, veio deslocado da Bahia, veio organizado para São Paulo, foi lá para o ABC, embora sempre na militância operária, era um quadro da organização.

E aí, nós temos um caso da liderança local, que é o seu irmão. Então faz esse, quer dizer, aí pega uma família que embora você tivesse uma iniciação política no PCB e tal, seu irmão que também era uma pessoa da legalidade, mas que tinha contato com a organização, que era uma organização grande, era uma célula grande, então, aí a repressão bate e vocês nem entendiam direito o tamanho da encrenca, acharam que era um problema local lá com o policial local e não imaginavam o tamanho e a dimensão e o desdobramento e quanta gente foi presa, torturada e aquelas quedas todas.

Então, eu queria que você como irmão, como familiar que viveu esse desespero todo, aí conheceu o Luiz Eduardo que já era um cara que tinha uma noção do que era um processo de queda, mas que você disse isso da ótica familiar. Você que nunca tinham ido à uma delegacia de polícia, de repente tiveram que se relacionar para saber o que era DOPS, o que era OBAN, o que era exército, o que era hospital militar e afinal, seu irmão foi para o hospital militar, não foi, ficou apodrecendo na OBAN com todas aquelas sondas, com tudo aquilo que ele estava, fala mais um pouquinho para a gente agora focado mais nesses últimos dias.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Bom, Doutor, vamos começar então pela primeira prisão que acontece pela AP. a primeira prisão foi feito com o Olivier Negri Filho. Primeiro foi preso por quê? Na época, o Olivier estava para servir o exército, quase para servi-lo, só que Mauá é muito difícil uma pessoa servir o exército e nem outro, como se fosse, qualquer outro que tenha sido do Governo que teria que ser servido. Então chamaram o Olivier lá na delegacia para um depoimento, não, falaram que era para ele ir lá e ele achou que era para ele servir o exército, essa é a história, começo, aí ele foi e quando chegou lá não era nada disso. Já algemaram ele, já puseram ele em um lugar, levaram ele para uma área lá e já começaram a torturar ele.

Daí para ele dar o nome das pessoas que estavam envolvidas naquele movimento da época, aquele movimento. O Olivier disse que sofreu tortura e tal, mas não citou, mas aí quem entra, esse tal de João Guarda. Como ele foi o primeiro presidente da, primeiro não, era um grupo que se formou e ele queria ser o presidente da sociedade, mas a sociedade estava no nome desses meninos, do Olivier, do Raimundo e etc., ele, isso eu estou dizendo, que ele deve ter ficado com raiva e isso ele falou para mim também, pegou as fotografias elevou lá para, ou levou para a delegacia de Mauá ou trouxe aqui para São Paulo onde passou a serem reconhecidos todos aqueles que estavam envolvidos, todos aqueles, no caso era o Raimundo, o Josemar Alves Lobo e daí por diante, mais ou menos uns 15 garotos que estavam envolvidos.

Bom, a primeira prisão foi do Olivier como eu acabei de falar e depois o seguinte, veio o Josemar, veio esse, veio esse, veio esse. Bom, o que aconteceu? A direção da AP pediu que o pessoal despertasse, vamos saindo e etc. e tal, inclusive o próprio Betinho que estava lá com a gente ainda, que estava lá.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você conheceu o Betinho?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Conheci pessoalmente, o Betinho passou uns dois ou três dias na minha casa também e ficou na casa do, ele o, morava junto com o, eles moravam na casa junto ali na casa do Olivier, nos fundos da casa do



Olivier. O Betinho ficou lá, por que o Betinho ficou lá? O Betinho, a função do Betinho, quando ele veio para Mauá, era entrar dentro de uma empresa e ali conscientizar as pessoas dos trabalhos do operário, entendeu? A função dele era essa, então o Betinho morava lá junto com a gente também, e eu participava dos movimentos, e aí quando começou a surgir as prisões o que ocorreu? O pessoal teve que falar, Betinho vai embora, Raimundo vai embora e tal, e o Raimundo foi até a minha casa, ficou uns dias lá em casa porque eu saí do Jardim Zaíra, que eu já estava casado e fui morar num outro bairro, no Parque São Vicente e aí o Raimundo ficou para lá, ficou em casa uns dias, uns cinco dias, mas aí pediram para mim, olha, fala para o Raimundo sair que o pessoal está beirando, estão procurando ele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O Olivier estava preso?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – O Olivier já estava preso, estavam presos todos, só faltava o Raimundo ser preso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – E o Betinho ainda estava lá?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – O Betinho já tinha saído.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Aí quando o Olivier foi preso, mandaram o Betinho.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Isso, o Betinho já saiu fora, já vazou e saiu.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Saiu da região, não ficou nem no ABC?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Saiu da região.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – O Betinho era dirigente nacional da AP.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – E estava morando lá?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Estava morando lá.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Lá com o Pereirinha?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Isso, o Pereirinha, o Olivier, o pessoal lá, *né?* E daí o que ocorreu? Houve a saída do Raimundo, quando ele saiu da minha casa e foi para essa pensão ali em Santo André, o bairro chamado Santa Cecília? Não, eu esqueci o nome do bairro e aí ele foi para esse bairro, não me lembro agora o nome e quando eu estava em casa e chegou o Gil, o Gil chegou e falou para mim, Hélio, o Raimundo aconteceu um incidente com ele e ele está assim, assim, assim, e nós precisamos ir lá agora.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quando ele foi esfaqueado.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – É, aí nós fomos para lá e o Raimundo já não estava mais. Aí conversamos com o proprietário estabelecimento, ele disse, olha, aconteceu isso, eu ajudei a socorrer ele e etc. e tal e ele foi para o hospital Santo André..

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Que horas o Raimundo foi esfaqueado? Você lembra?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Isso foi mais ou menos acho que umas Duas horas da tarde, por aí, mais ou menos, que eu fiquei sabendo era umas Cinco horas, umas Cinco horas da tarde.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ele foi esfaqueado e ficou sangrando das duas às cinco até o senhor chegar, ou quando o senhor chegou ele já tinha ido para o hospital?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Não, não. Quando eu cheguei, ele já estava no hospital. Quando eu cheguei lá na casa onde aconteceu esse incidente, ele estava, já estava internado no hospital Santo André. Foi só a única coisa que nós fizemos lá, foi uma limpeza de pegar tudo o que tinha lá que era material que não podia ficar porque naturalmente que a polícia ia chegar lá e ia ver que tinha que fazer o acompanhamento do que houve então evidentemente que não podia estar aquele material. Era Silk Screen, era o material que era para ser distribuído nas empresas, era um monte de coisa.

Então não podia, limpamos e logo depois eu fui até o hospital e ele estava sendo operado quando chegamos lá, *né*, aí mais tarde ele veio para a cama, para o leito e foi explicado que a situação dele estava bem, estava bom, a cirurgia foi boa, não atingiu um

órgão assim que pudesse dar maiores problemas e etc. Foi dessa forma e quando passou uns dois ou três dias e que veio a calhar que o pessoal da repressão veio até o hospital, veio até o hospital e tinha sido denunciado que ele estava lá. Foi quando eles prepararam para levar ele que até hoje não se sabe se ele foi para o hospital, se sabe sim, pelos companheiros que estavam presos que ele foi direto naquele mesmo dia, em vez de ir para o hospital militar, ele foi para a OBAN e que chegou na OBAN claro, evidentemente que na situação que ele estava, inclusive que eles interromperam aquela sonda que ele tinha, tamparam, aquilo deve ter engrenuar ou fazer coisa ali que ele não resistiu, além das torturas que ele sofreu, que sofreu muito choque, pessoas que estavam lá, diz que ele gritava muito, sofria choque onde ele tinha feito a cirurgia, e até disseram, podem, me mata, me mata que eu estou sofrendo muito, diz que ele falava até isso, *né*, e naquele mesmo dia que ele saiu do hospital Santo André, disseram que ele tinha morrido.

Pessoal que estavam junto com ele na prisão lá dentro. Mas não se falaram nada, porque daquele dia que levaram lá para o Instituto Médico Legal, o corpo dele ficou lá. Com oito ou nove dias que nós fomos, que avisaram para nós, que eu cheguei ali na Operação Bandeirante, um senhor me chamou, me chamou não, porque eu já estava lá e eu falei, eu quero saber onde o Raimundo está. Ele pegou um bilhete assim, um bilhete qualquer escrito assim, procurar no Instituto Médico Legal, aí foi naquela hora mesmo que eu fui até em casa, peguei meu pai e nós dois fomos lá para o Instituto Médico Legal.

Aí ficamos a noite toda lá, porque chegamos lá por volta de umas Dez horas da noite e aí já estava tudo fechado, ainda pedi para a pessoa que estava ali como guarda, *né*, o segurança. Ai ele viu o nosso sofrimento e ele pegou e abriu, ele falou, eu não vou ascender a luz, mas eu vou com farolete, aí ele foi apontando todos os cadáveres que estavam no chão. É esse? Eu falei não. É esse? Não. É esse? Não. Aí não tinha, não estava o corpo dele lá. Aí fomo lá, ele falou, vou abrir lá a escrivaninha e vou dar uma olhada no relatório.

Ai ele foi lá, abriu o relatório, aí estava lá uma pagina bem lá distante o nome do Raimundo Eduardo da Silva, enterrado como indigente em Guaianazes. Estava só assim. Aí de lá, nós fomos para o Guaianazes, aí ficamos lá e ficamos desamparados, como é que nós vamos procurar?

Aquele tempo tinha um advogado, não sei se o senhor lembra, Oscar Pedro Horta? A gente procuramos ele, mas foi impedido da gente falar com ele também, que era um advogado. Então.

(inaudível)

Isso, Oscar Pedroso Horta, aí ele não deu certo para a gente conversar com ele, daí procuramos outro que foi o Dr. Pedro Greenhalgh, o Eduardo Greenhalgh que foi quem deu assistência maior para a gente e fez desde o começo, desde essa data até o dia da exumação dele que foi em 83, que ele acompanhou esse processo todo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Foi exumado de Guaianazes?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Exumado de Guaianazes e trouxemos ele aqui a pedido do Dr. Paulo Evaristo, trouxemos ele aqui para Assembleia Legislativa, trouxemos ele aqui, os restos mortais dele e porque na época, uma coisa muito boa que aconteceu em Mauá, o Prefeito de Mauá, ele liberou duas viaturas e um carro daqueles, isso, como é o nome?

(inaudível)

Isso, de giroflex, isso mesmo. E o que a gente fez? Nós fomos até Guaianazes, fizemos a exumação com pedido do.

(inaudível)

Isso, do Dom Paulo Evaristo, eu fico meio emocionado e esqueço tudo e nós trouxemos aqui para a Assembleia. Aqui na Assembleia vieram vários companheiros, famílias de companheiros que estavam, que já tinham sido assassinado também pela repressão e foi feita uma missa aqui na Assembleia e quando pediram para eu falar, eu não quis falar, meu irmão que é o Pedro Eduardo falou em nome da família, mas aquele dia teve muita gente acompanhando. Aí daqui saímos e fizemos um cortejo até Mauá, fomos até a igreja onde ele era coroinha, aonde começou os movimentos com o Padre Praxedes, aquela coisa toda.

Levamos ele para lá, de lá nós fomos até, já tinha um nome, iam dar o nome de uma rua para ele, Avenida Raimundo Eduardo da Silva, não é rua, que tem até hoje, aí passamos com os restos mortais dele naquela rua toda e depois nós fomos fazer o enterro dele no cemitério Santa Lúcia em Mauá. Foi isso, é o histórico que se deu. O que foi muito importante, foi o apoio geral dado pelo povo de Mauá, de Santo André e o povo de São Bernardo do Campo também e que esse pessoal que está aqui, o Pedrinho, tudo participou disso aí também. Essa foi a história que a gente teve em Mauá, vida e morte de Raimundo Eduardo da Silva.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Muito bom. Alguém quer falar mais alguma coisa? Amelinha queria falar alguma coisa? Pereirinha? Espere aí pereirinha, fale aqui. Fale Pereirinha.

**O SR. PEDRO PEREIRA DO NASCIMENTO** – É um caso, um acontecimento assim meio, daria para se dizer um pouco pitoresco. Eu estava com o companheiro Jair Ferreira de Sá, veio do Rio para gente se encontrar para conversar evidentemente sobre a organização, a gente estava rearticulando a AP.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Localiza melhor. O Jair, localiza o Jair.

**O SR. PEDRO PEREIRA DO NASCIMENTO** – Jair Ferreira de Sá, veio do Rio de Janeiro, ele se encontrava aqui comigo, porque nós estávamos articulados procurando reorganizar a AP e nós estravamos caminhando na Avenida da Liberdade, a gente se encontrava, a gente não ficava parado, a gente estava caminhando e conversando, trocando as informações. Aí quando a gente chegou ali no, perto já, no Paraíso, aí nós fomos interceptados por um carro da, uma viatura da polícia. Aí, seus documentos. Aí pegou os documentos de Jair, jornalista, tal e tal, estou passeando aqui em São Paulo. Pegou os meus documentos, meu nome todo, pegou a carteira profissional, Pedro Pereira Nascimento, estava desempregado na época, aí ele perguntou e eu tinha saído, não me lembro qual foi a empresa, mas sempre tive um salário razoável pela minha profissão, torneiro mecânico.

Aí o cara perguntou assim, por que você não está trabalhando? Você com uma profissão dessa, com um salário desse saiu da empresa, por que não está trabalhando? Eu disse, eu saí da empresa, e aí eu contei a minha história, fui visitar a minha família na Bahia, tal, e voltei e tenho achado vaga, mas eu não acho o salário que eu quero ganhar, por isso que eu estou desempregado e nos encontramos aqui e estamos conversando um pouco.

Aí eles me levaram aqui para o Ibirapuera, não tem uma seção aí, o que é aquilo ali? É DOPS? É exército? O que é aquilo ali, Carlão? É DOI-CODI ali, *né?* Aí eles me levaram para lá e eu fiquei o dia inteiro em uma salinha lá isolado, isso foi, a gente se encontrou devia ser umas oito ou nove horas da manhã e eu fiquei até umas quatro horas da tarde sentado lá. Jair, eles liberaram, na hora liberaram o Jair, a mim ficou lá, disse ele que eu precisava ser ouvido pelo delegado.

O pitoresco, é que eles estavam me procurando, estiveram comigo e depois me liberaram porque não encontraram nada. Eles achavam que era malandro, que devia ser droga, eu e o Jair conversando, devia ser essas coisas. Então eles procuraram em todos os lugares e não tinha o meu nome como um, não encontraram nada contra mim e me liberaram. Então, quer dizer, o pessoal, não sei se o Carlão lembra desse episódio, teve uns companheiros, o Suave e outros, já tinha ligado para todos os esses, o baixinho foi preso e agora o que a gente faz?

Eu acho que eu tinha conseguido passar uma ligação de lá da delegacia que eu pedi, e eu consegui falar não me lembro com quem, publicou, sai em vários lugares, publicou não, comunicou que eu estava preso e o que iam, se eu ia ser assassinado. Aí quando foi às quatro horas da tarde, eles me liberaram e não acharam nada contra mim e me liberaram. Quando eu apareci, foi uma coisa muito emocionante, que o pessoal chorando, achava que eu ia ser morto e eu voltei, não, estou aqui pessoal, me soltou, sou um cara livre. Não aguentou comigo não, lutei lá dentro, derrubei o cara e saí. Eu queria contar isso, porque foi uma coisa assim, angustiante para muitos companheiros e companheiras e depois foi uma festa e foi uma alegria extraordinária que eu nem fiquei preso, porque ele não encontrou nada, quer dizer, ele procurou nada sobre político, procurou sobre bandido e tal, droga, ladrão e não sei o que. Que procura nas delegacias, não tinha nada contra mim. Obrigado, viu.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado Pereirinha, ainda bem. Vamos lá. Bom, acho que. Fale, espere aí que precisa gravar. Fala só o teu nome.

**O SR. FORTALEZA** – Pessoal boa tarde, eu sou o Fortaleza, voluntário do EDUCAFRO e eu queria perguntar para o Pereirinha, se o Jair era branco ou negro? Porque eu não entendi, porque naquele momento estavam os dois batendo papo, foi isso que eu entendi e levaram só ele e deixaram o Jair e aí eu precisava entender porque levaram ele e deixaram o Jair? Se o Jair era branco ou se o Jair era negro igual a nós?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pereirinha.

**O SR. PEDRO PEREIRA DO NASCIMENTO** – Jair, o companheiro Jair que já se foi, fora do combinado, era, ele devia ter em torno de 1,70 metros, era baixo, era magro e moreno. Ele não era branco, ele era moreno, ele era assim, quase que tipo o Hélio, mais claro do que o Hélio, mas era essa cor chamada, como é que é? Queimadinho do sol, não porque negro é, o próprio negro, não aceita ser negro, então



diz que é moreno. Então o Jair não era branco e não era um negro, era moreno claro. Deixa eu ver, ele tinha a cor assim, mais claro, talvez da sua cor Adriano, ele era assim da sua cor e era baixo, era um pessoa muito simples. Ninguém dizia que ele era o que ele era no grau de formação que ele tinha, que ele era muito simples.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Legal, Pereirinha. Então vamos lá. Bom, eu agradeço aos familiares aqui que vieram, foi importantíssimo vocês terem sido deslocados aqui, vir aqui e a gente podia, um dia queria sugerir, fazer uma sessão especial ampliada por todo esse grupo de Mauá, que foi um grupo muito importante, muitas mulheres, muitas mulheres operárias, a Jô, está bom? Então, agradeço a todos, pode falar Carlão.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** – Em Mauá tinha um grande incentivador do movimento lá que era o Padre Rubens e está agora no fim da vida e seria muito importante ouvi-lo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está vivo?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Está vivo, foi preso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está morando aonde?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Perseguido por várias vezes.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está morando aonde?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Mora em Mauá.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Mora em Mauá?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Mora em Mauá. Mora aonde?

**O SR. –** Mora em Palmares.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Palmares, Vila Palmares.  
Você poderia ajudar acha-lo para a gente.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Eu, o companheiro, ele tem contato lá, eu moro em Taboão da Serra e é meio distante, mas o pessoal ajuda e eu estou aqui com vocês.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Padre Rubens.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA -** Isso é muito importante, uma pessoa de muito valor.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Tá, e esse padre que vocês falam, como era, Praxedes? Ele está por ali ainda?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA –** Ele está em Santo André.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Está em Santo André?  
Então vamos localizar.

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA**– Ele está em Santo André, o padre Praxedes.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Ah, está bom. Vocês conheciam o Olavo Hansen já?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Conheci, conhecia e conheci a família toda dele.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Da época?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Da época. Estando inclusive os irmãos dele, todos moram em Mauá, irmão, cunhado, um dos cunhados dele é presidente da associação amigos de bairro, também lá. Também a gente pode fazer um convite se assim precisar.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Pereirinha, você deixa o pessoal do EDUCAFRO, não entendeu, eu acho que você poderia situar, a maioria das pessoas não sabem quem era o Jair. Só dá uma contextualizada, porque o pessoal do EDUCAFRO vai acompanhar os negros que resistiram à ditadura, entendeu? E isso, porque para nós, da nossa cultura do dia a dia de falar, situa um pouco, fala um pouquinho, um minuto que seja do Jair para eles entenderem direito, porque você se refere dessa forma tão reverencial e tão importante.

**O SR. PEDRO PEREIRA DO NASCIMENTO** – Na AP, quando eu entrei, teve alguns companheiros que tiveram assim, um papel muito importante para a minha entrada em ação popular. Eu era operário e estudante em Salvador, trabalhava de dia e estudava de noite e eu tive algumas pessoas que tiveram um papel muitíssimo importante para me trazerem para a AP. o primeiro deles foi Haroldo Lima, quem sabe, muitos de vocês devem conhecer, foi Ministro recente, da Bahia. O segundo foi Jorge Leal, companheiro que foi assassinado, vocês viram aí no livro e o terceiro, o Jair Ferreira de Sá, ele não era da Bahia, mas nos encontros mais importantes realizados por AP, o Jair se fazia presente porque ele era do comitê central de Ação Popular.

Ele era de Goiás, se não me falhe a memória.

(inaudível)

Minas, Minas, *né*, ele era de Minas, mas ele era do comitê central e ele tinha a responsabilidade de em encontros mais significativos nas regiões, nos estados, ele sempre estava presente como membro, como dirigente de Ação Popular. Ele participava do comitê nacional de Ação Popular. Tudo bem?

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Carlão, para concluir. Fale aí, Carlão.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - É importante, só complementando o que o Pereirinha falou, realmente o Jair, ele trabalhou foi o primeiro trabalho dele antes de 64 já foi ligado às ligas camponesas, que é importante realçar, e tive um papel destacado com um companheiro muito inteligente e foi o principal dirigente de Ação Popular. Então naquele período e mesmo antes, ele era um cara sempre destacado e eu

tive, não sei, não foi um desprazer, mas eu tive oportunidade de conviver também com ele inclusive ele teve um infarto e eu fui ter que socorrê-lo e isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quando ele enfartou, você que o socorreu?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Exatamente. Nós estávamos em uma reunião.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Foi aqui em São Paulo?

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Não, foi na região de Piracicaba e aí levamos ele para o hospital, eu levei e garantir que o nome de guerra dele ficar lá, para tirá-lo de lá. Então foi uma coisa assim meio, é triste a gente ter que falar de um companheiro, né? E ele era um cara muito resistente a dor, tanto é que o médico, o Pereirinha também estava na reunião na época, o médico falou para mim, ele falou, olha, esse cara parece um cavalo, já apliquei duas doses de morfina e a dor continua, ou seja, ele estava tendo um infarto violento, aí levei para Piracicaba para um hospital e ele chegou lá desmaiando e foi para a UTI, aí eu acompanhei ele e quando cheguei lá falei, companheiro, dá um quadro da situação, o que é isso rapaz? Para com essa conversa. Eu vou ter que sair para tirar você daqui.

Aí foi quando nós saímos para organizar ambulância, médicos nos mais variados lugares para ir para lá, para poder tirar ele do hospital se houvesse qualquer dúvida, qualquer mudanças significativas no cenário. Felizmente não houve necessidade, ele ficou lá se curou, mas nós colocamos um plantão médico ali ao lado e mais uns dez companheiros para poder tira-lo a qualquer momento do hospital. Mas não foi preciso e o Jair, um grande camarada morreu na porta de um quartel, um ataque fulminante também do coração.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** - Me responde a pergunta, o Fortaleza perguntou, o Pereirinha deu uma enrolada no Fortaleza que até eu fiquei torto aqui, o Fortaleza quer saber o seguinte, esse companheiro aí, o Sá, afinal o que o Fortaleza quer saber o seguinte, ele era um afrodescendente ou não? Ele era um descendente de negro? Independente se a cor dele era mais pálida, ele era, é isso que ele queria saber.

**O SR. PEDRO PEREIRA DO NASCIMENTO** – eu não fiz essa triagem.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Não, mas está bom, desculpa. Pessoal, então um dia vocês vão contar essa, todo mundo imagina que essa grande organização da resistência é o PCB e a Ação Popular era um mar de gente, uma organização.

**O SR. CARLOS GILBERTO PEREIRA** - Tiveram 65.000 militantes no Brasil inteiro.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Então, como aqui a gente não faz por organização, a gente faz por, a nossa metodologia por caso, pelos mortos e desaparecidos, aí começa a criar esse elo, mas um dia, vocês precisavam vir falar um pouco pelo menos aquele companheiro da Bahia lançou um livro, Emiliano José lançou um livro essa semana do caso contando várias coisas da AP da Bahia, inclusive o companheiro da Marluci, é o livro sobre uma fase e também fala do Marighella e fala de outros, mas então, e viu Pereirinha, independente, eu queria falar para vocês que é muito importante, eu queria situar antes do companheiro aqui fazer as últimas considerações, é muito importante o pessoal de uma organização como o EDUCAFRO, estar se vinculando a esse trabalho da Comissão da Verdade.

Porque eles são uma organização muito nacional, muito grande de jovens, negros e essa cultura da ditadura, o frei Davi agora está tentando introduzir principalmente porque lá em Recife, a Comissão da Verdade, tem o Nome do Dom Hélder, então eles estão aqui hoje e vão acompanhar, porque eles querem fazer, porque o registro dos negros que resistiram à ditadura, é muito fraco, é subnotificado.

Então eles vão fazer um contato, o trabalho do EDUCAFRO, é um trabalho eminentemente educacional e voltado para a população negra e para os jovens negros e tal. Então, eles vão recuperar esse capítulo, então toda vez que tiver um negro aqui tirando ou testemunhando, eles vão acompanhar e eles vão repassar para os grupos desses cursinhos que fazem na rede EDUCAFRO. É um trabalho muito importante, então era até bom, depois que acabar essa Sessão, que eles pudessem conversar com vocês e tal, porque isso é um trabalho que vai multiplicar para o Brasil inteirinho, entendeu? Então só queria pedir que vocês também tivessem esse entendimento, dar essa abertura. Você faz as considerações finais para a gente ir para o encerramento?

**O SR. HÉLIO GERÔNIMO DA SILVA** – Eu quero agradecer aqui aos membros da Comissão da Verdade por esse grande trabalho que vocês estão fazendo, que é resgatar a história que há um tempo atrás, eu achava que tinha sido esquecido. Hoje eu não chorei não, mas eu costumo chorar quando eu falo e estou emocionado por esse trabalho de vocês, de vocês que estão aqui, o pessoal ali e o seu trabalho filho, o seu trabalho é muito bonito. Eu digo assim que você é a pessoa que como muito comunicador, normalmente às vezes eu assisto a Assembleia, a Comissão da Verdade em casa, quando estou à vontade, então eu vejo o depoimento e vejo essas perguntas que você fez para mim e fez as perguntas que eu acho que é fundamental, porque a gente esquece alguma coisa de falar. A gente fala algumas coisas assim que está no momento, depois e depois da reprise que você fala, que a gente fazer, a gente falar, e a gente lembra de alguma coisa que a gente esqueceu.

Mas eu deixo aqui, o meu agradecimento por todos vocês da Comissão da Verdade em nome meu e do pessoal da minha família e do pessoal do Jardim Zaíra e digo daqueles todos que participaram desse movimento, 64 até 79 e depois continuaram

como estão continuando hoje. Essas são minhas considerações a todos vocês aqui. O meu muito obrigado.

(Aplausos)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá? Então a Sessão está encerrada, muito obrigado.

\* \* \*

















































